

FUNNY GIRL / 1968
Uma Rapariga Endiabrada

um filme de William Wyler

Realização: William Wyler / Argumento: Isobel Lennart, baseado na sua peça musical de 1964 / Fotografia: Harry Stradling / Montagem: Robert Swink / Cenários: William Kiernan / Guarda-Roupa: Irene Sharaff / Cabeleireiro: Virginia Darcy e Vivienne Walker / Caracterização: Ben Lane / Production Designer: Gene Callahan / Direcção Artística: Robert Luthardt / Genérico: Lepard/Neuhart / Coreografias: Herbert Ross / Som: Charles J. Rice, Arthur Piantadosi e Jack Solomon / Música supervisionada e dirigida: Walter Scharf / Arranjos vocais e dança: Betty Walberg / Montagem Musical: Ted Sebern / Orquestração: Jack Hayes, Walter Scharf, Leo Shuken e Herbert Spencer / Canções: "Funny Girl", "People", "Sadie Sadie", "I'm the Greatest Star", "If a Girl Isn't Pretty", "Roller Skate Rag", "His Love Make Me Beautiful", "You Are a Woman, I Am Man", "Don't Rain on My Parade", "The Swan" de Jule Styne e Bob Merrill; "I'd Rather be Blue" de Fred Fisher e Billy Rose; "Second Hand Rose" de James F. Hanley e Grant Clarke; "My Man" de Maurice Yvain, A. Willemetz, Jacques Charles / Intérpretes: Barbra Streisand (Fanny Brice), Omar Sharif (Nick Arnstein), Walter Pidgeon (Florenz Ziegfeld), Kay Medford (Rose Brice), Anne Francis (Georgia James), Lee Allen (Eddie Ryan), Mae Questel (Sra. Strakosh), Gerald Mohr (Tom Branca), Frank Faylen (Keeney), Mittie Lawrence (Emma), Gertrude Fyynn (Sra. O'Malley), Penny Santon (Sra. Meeker), John Harmon (John, o gerente da companhia), Thordis Brandt, Virginia Ann Ford, Karen Lee, Inga Neilsen, Bettina Brenna, Alena Johnson, Mary Jane Mangler, Sharon Vaughn (Ziegfeld girls). Produção: Ray Stark para a Columbia / Assistente de Produção: David Dworski e Lorry McCauley / Produtor Executivo: Paul Helmick / Cópia: DCP, cor, versão original legendada eletronicamente em português / Duração: 155 minutos / Estreia em Portugal: Cinema Monumental, a 25 de março de 1969.

Em geral, a estratégia de "ataque" a **Funny Girl** passa por uma imediata divisão das águas. Quase toda a crítica foi unânime no reconhecimento do enorme talento de Barbra Streisand, augurando-lhe uma carreira de estalo (que, ao fim e ao cabo, acabou por ter, sobretudo se considerarmos os irrefutáveis números do *box-office*). Contra o carisma nascente de Streisand, ninguém ousou levantar um dedo.

O filme propriamente dito esteve longe de congregar a mesma unanimidade. Mesmo os mais entusiastas – e estou a referir-me a crítica que "valha a pena" considerar – não foram além das meias tintas, declarando o seu aval a tudo o que se refere ao conflito básico da primeira parte (a criação da imagem de Fanny Brice *versus* Barbra Streisand), mas torcendo já o nariz ao desvio "wyleriano" que, sobretudo na segunda parte, deslocava o núcleo do filme para o sentimental, acabando por secundarizar em demasia as convenções do género, isto é, a utilização da música e da dança.

Subscrevo as reservas ao filme, mas não consigo, e bem me esforcei, alinhar no abaixo-assinado em que a crítica (dos diversos credos, raças e sexos) se congregou para atestar as excelsas qualidades de Streisand. Mas como eu não sou do género de esconder as minhas fontes de informação, anexo alguns exemplos para que possam julgar. No *Sight & Sound*, Russell Taylor era peremptório: "Yes, of course Barbra Streisand is marvelous." Michel Perez, no *Positif*, achava-a um fenómeno, sublime a cantar e capaz de dar três passos de dança como se fosse transportada pela sua "petite musique intérieure, ironique, mordante, élégante, nuancée, entraînant, capricieuse, mélancolique." (Ao lado desta torrente adjectivante qualquer texto de João Bénard da Costa passará por severo representante do mais puro estilo anglo-saxónico). E mesmo os velhos *Cahiers* – já eram menos "velhos" do que isso – habituados a só se deslumbrarem com gente da estatura de Hawks, Welles, Hitchcock ou, falando de atrizes, uma Dietrich, uma Bergman, uma Magnani, se deixaram levar. Michael Delahaye garantia que Barbra suportava todo o filme e que ela tinha como mais alta referência Judy Garland, "et elle en a bien le droit, car, si elle n'atteint pas (pas encore?) son niveau, du moins suit-elle une voie parente." (E se com esta não abalei a ideia feita dos *Cahiers* como publicação elitista, devem pelo menos convir que as infiltrações "populistas" e "eclecticas" eram possíveis...)

Bom, com estes considerandos talvez tenha posto a carroça à frente dos bois, embora ainda seja tempo de corrigir a mão e voltar ao princípio. Como é que nasceu **Funny Girl**?

Fontes geralmente bem informadas (o *Variety*) consideram o empreendimento como uma saga pessoal do seu produtor, Ray Stark. Ele era genro de Fanny Brice, uma comedianta de grande sucesso na Broadway, a “fabulous Fanny” dos anos 20 e 30, e dedicara particular e pessoal empenho a feitura de um *biopic* que honrasse a grandeza e glória passadas da sogra – já um tanto esquecida nos anos 60, mesmo para os americanos.

Os intentos de Ray Stark concretizaram-se, tomando forma num musical da Broadway que aguentou dois anos em cartaz e foi encenado também em Londres. O papel de Fanny foi entregue a uma debutante que teve, desse modo, autêntica “entrada de leão”. Era Barbra Streisand, claro. Com estes ingredientes, e de acordo com os padrões de produção daquela altura, a transposição da peça para o cinema foi um curto passo.

O filme segue fielmente a peça, repetindo a maioria das canções (apenas com o enxerto de três novos títulos), e explorando com afinco as características do *medium*, caso da utilização do Cinemascope, particularmente adequado para realçar as filmagens em exteriores ou a espectacularidade da fotografia aérea. Era neste “invólucro” que cabia o “triple first” que, parafraseando o *Variety*, ocorria em **Funny Girl**.

Em primeiro lugar, Barbra: ganhara naturais direitos sobre o papel e, por isso, voltava a repeti-lo no cinema. Foi a sua estreia e foi o seu primeiro sucesso.

Em segundo lugar, William Wyler. Com quarenta anos de cinema em cima e sem um único musical no activo, o cineasta, “if not exactly the most fashionable director at present”, era uma figura de prestígio, de que se esperava qualquer coisa que estivesse para o musical como **Ben-Hur** está para o filme histórico: isto é, um daqueles “clássicos” que fazem as almas crédulas ter sincera estima pela Arte.

Em terceiro e último lugar, **Funny Girl** era também a estreia de Ormar Sharif no musical. À primeira vista isso é coisa que não aquece nem arrefece ninguém, mas se nos lembrarmos de que Fanny Brice era judia e que Streisand também o era, e ainda por cima – más línguas? – sionista, então, o facto do papel de Nick, o marido de Fanny, ser atribuído a um árabe, deve ter suscitado não poucos engulhos raciais e políticos. Os *Cahiers* ainda levantaram, numa notícia, a lebre de graves desentendimentos entre Streisand e Sharif, mas Wyler desmentiu tudo com enfáse. Vendo o filme, não se nota nada, mas manda a verdade que se diga que Sharif é actor bastante para que não só isso não se perceba, como muitas outras coisas...

“When you’re on the stage, you’re the strongest girl in world.” Nesta réplica de Sharif a Streisand, quase no fim do filme, está a chave de **Funny Girl**. Todo o filme assenta na ideia (universal) segundo a qual um cómico, enquanto representa ou enquanto imagem, supera e vence as suas dúvidas, os seus medos e a sua dor. Uma sequência define exemplarmente essa premissa de **Funny Girl**: a do confronto de Streisand com os jornalistas a seguir à prisão do marido: Streisand esconde-se atrás da sua própria imagem e é essa sua imagem – agressiva e sarcástica – que vence os jornalistas.

Há momentos, no entanto, e sobretudo na segunda parte, quando a relação entre Streisand e Sharif se “normaliza”, em que esse “tónus” se apaga para sobressair, então, o “tónus melodramático”: é neste ponto que a unanimidade da crítica se volta a verificar, desta vez pela negativa. Diz-se que Wyler quis tentar aqui o seu **A Star is Born**, mas entre um e outro filme há um tal abismo que torna irrelevante qualquer comentário.

Uma palavra final para a construção formal: **Funny Girl** é um longuíssimo *flashback* e os quatro planos iniciais do filme são belíssimos, apanhando Streisand de costas, seguindo-a num longo *travelling* pelos bastidores até termos o seu perfil num espelho (é bonito o “Hello gorgeous”), entrando depois no teatro vazio, com particular relevo para o *plongée* que no-la dá minúscula no palco imenso.

Para mim é a coisa mais bonita de **Funny Girl**, mas reconheço que Wyler não podia passar todo o santo filme a enquadrar Barbra de costas ou em *plongées* que esmagassem a figura na amplidão do “scope”.

Manuel S. Fonseca